

PRODUÇÃO CIENTÍFICA ACERCA DA INTERAÇÃO E CUIDADO À CRIANÇA EM INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO

MARIANA DOMINGOS SALDANHA¹; RUTH IRMGARD BARTSCHI GABATZ²

¹Universidade Federal de Pelotas – marianadsaldanha@hotmail.com

²Professor do Departamento de Enfermagem/UFPel – r.gabatz@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O acolhimento infantil ocorre em situações que a criança se encontra em risco social e pessoal não podendo permanecer com sua família de origem ou responsáveis, necessitando da proteção em uma instituição de acolhimento.

Inicialmente destaca-se que a institucionalização é uma medida a ser utilizada quando não é possível a permanência dos filhos junto aos seus pais ou responsáveis devendo ser excepcional e provisória conforme o Art. 101 no § 1º do Estatuto da Criança e do Adolescente: “O acolhimento institucional e o acolhimento familiar são medidas provisórias e excepcionais, utilizáveis como forma de transição para reintegração familiar ou, não sendo esta possível, para colocação em família substituta [...]” (BRASIL, 2012, p.67).

É importante ressaltar que se deve procurar manter a criança no convívio com sua família sempre que possível, compreendendo-se que a família é o melhor local para seu crescimento e desenvolvimento saudáveis. A perda do pátrio poder é decretada quando a família não cumprir com seus deveres e obrigações, conforme definido pelo Art. 24 do ECA (BRASIL, 2012).

Compreendendo a importância do ambiente no desenvolvimento infantil, objetivou-se neste estudo conhecer o que tem sido produzido acerca da interação e do cuidado à criança que vive em instituição de acolhimento.

2. METODOLOGIA

Foi utilizado como rotor de buscas o lilacs, foram filtrados os artigos a partir do ano de 2006, e como descritores foram usadas variadas combinações com as seguintes palavras: criança, vínculo, interação, apego, abrigo, instituição, cuidador e educador.

Trata-se de uma revisão integrativa, abordando a temática do cuidado à criança abrigada. Utilizou-se para sua construção os seis passos descritos por MENDES; SILVEIRA; GALVÃO (2008): estabelecimento da hipótese ou questão de pesquisa; amostragem ou busca na literatura; categorização dos estudos; avaliação dos estudos incluídos na revisão; interpretação dos resultados e síntese do conhecimento ou apresentação da revisão.

Seguindo-se os passos acima, primeiramente elegeu-se como questão norteadora da pesquisa: O que tem sido produzido nos últimos dez anos (2005-2015) sobre interação e cuidado à criança que vive em instituição de acolhimento?

Como segundo passo, escolheu-se duas bases de dados para realizar a busca: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Os descritores utilizados para a formulação da estratégia de busca, foram: Child and shelter and interaction; child and institution and interaction; child and caregiver and interaction; child and educator and interaction; caregiver and shelter and interaction; shelter and institution and interaction; educator and institution and interaction; child and shelter and addiction; caregiver and shelter and addiction; educator and shelter

and addiction; child and shelter and link. Selecionando-se 10 artigos para a análise integral, a partir da leitura dos títulos e resumo de um total de 142 encontrados.

Após a seleção dos artigos, as informações foram sintetizadas e criou-se categorias temáticas apresentando os dados analisados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise dos 10 artigos selecionados na revisão criou-se três categorias temáticas: Institucionalização infantil: causas, consequências e limitações; O cuidador no ambiente da instituição: perfil e percepções acerca do cuidado; Interação da criança e do cuidador no ambiente institucional.

3.1 Institucionalização infantil: causas, consequências e limitações

De acordo com LOPES; PEDROSO (2013) grande parte das crianças institucionalizadas foi abandonada ou negligenciada por seus pais, sendo o uso de drogas uma constante na vida deles. CAVALCANTE; MAGALHÃES; PONTES (2007) também apontam a privação material e emocional e as dificuldades familiares como motivo para a institucionalização. Para os autores a negligência familiar é decorrente da falta de capacidade dos pais em prover os cuidados necessários, como na alimentação e proteção da criança, devido a um ambiente familiar empobrecido.

Para VECTORE; CARVALHO (2008) os maus tratos figuram como uma das principais causas de institucionalização. De acordo com TINOCO; FRANCO (2011) a institucionalização gera sofrimento e dor pela falta de suporte adequado diante do não reconhecimento pelo cuidador das manifestações de rompimento do vínculo da criança com seus pais.

LOPES; PEDROSO (2013) apontam que no momento da institucionalização algumas crianças apresentavam patologias crônicas, como: sífilis congênita, desnutrição, verminoses que interferem diretamente no desenvolvimento e crescimento delas. Além disso, as crianças apresentavam déficits de linguagem e interação social demorando mais para falar e estabelecer relações afetivas significativas.

Segundo FIAMENGHI JUNIOR; MELANIE; CARVALHO (2012) observa-se nas crianças institucionalizadas características de timidez, afastamento, baixo interesse social, sentimento de imobilidade, desesperança e incapacidade de agir com confiança, esses geram dificuldades emocionais e de socialização.

Conforme CARVALHO (2008) as maiores dificuldades apresentadas pelas crianças institucionalizadas são: carência afetiva, comportamento agressivo, rebeldia que dificulta o estabelecimento de limites, dificuldades escolares.

3.2 O cuidador no ambiente da instituição: perfil e percepções acerca do cuidado

Estudo desenvolvido por CORRÊA; CAVALCANTE (2013) aponta que grande maioria dos profissionais que atuam em instituições de acolhimento são mulheres, possuem ensino médio e tem experiência de mais de 2 anos no trabalho. Essas autoras observaram que as cuidadoras que possuem filhos e maior tempo de experiência de trabalho na instituição compreendem melhor as práticas de cuidados às crianças e atuam de forma mais efetiva na orientação a elas, além de utilizarem

mais vezes a brincadeira para estimular, encorajar e desafiar as crianças na interação diária com seus pares.

TOMÁS; VECTORE (2012) apontam que as mães sociais se sentem tristes pela institucionalização das crianças, pois acreditam que essas deveriam ter amor e proteção da família em um ambiente sem negligência e violência. Evidenciam também a necessidade e o medo do estabelecimento de vínculo das mães sociais com as crianças, já que esses podem ser rompidos devido ao acolhimento ser transitório.

CARVALHO (2008) observa que o abandono na institucionalização é utilizado como uma forma de evitar o apego. TINOCO; FRANCO (2011) corroboram com essa ideia apontando que a falta de rede de apoio e a carência de formação especializada para trabalhar com a população de instituições fragilizam as relações de interação nas instituições de abrigo.

3.3 Interação da criança e do cuidador no ambiente institucional

Para TOMÁS; VECTORE (2012) a forma de interação mais frequente apresentada entre o cuidador e a criança é a regulação do comportamento com ênfase no que julgam ser um comportamento inadequado, visto que a brincadeira e o contar histórias são praticamente inexistentes na instituição de acolhimento.

BENETTI; DONELLI (2011) apontam que a rotina apressada da instituição não possibilitava cuidados individualizados às comunicações e demandas infantis, sendo realizados os cuidados apressadamente, talvez devido à mobilização emocional que o desamparo e a carência afetiva e emocional das crianças despertam nos cuidadores.

De acordo com BARROS; FIAMENGHI JR. (2006) manifestações de carinho são quase inexistentes, as cuidadoras parecem estar envoltas em uma atmosfera de repreensão e autoritarismo, possuem atitudes hostis e ameaçadoras no dia a dia das crianças. Entretanto, existem situações em que algumas cuidadoras demonstram manifestações de afeto, sendo carinhosas e oferecendo atenção às crianças.

Conforme PRADA; WILLIAMS (2007) as cuidadoras interagem pouco com as crianças e essas, por sua vez, começam a interagir mais com as cuidadoras ao longo do processo de intervenção. Segundo VECTORE; CARVALHO (2008) o abandono, das crianças pelas cuidadoras é uma forma de evitar o apego e o posterior sofrimento na saída da criança da instituição.

TINOCO; FRANCO (2011) observam que relações de apego seguro incluindo afeto, confiança e preservação da relação, interesse e empatia de adultos cuidadores pela criança, inclusão da criança em assuntos que lhe dizem respeito, com clareza e verdade, propiciam o desenvolvimento infantil pleno e saudável.

4. CONCLUSÕES

Com base nos resultados deste estudo nota-se que a institucionalização infantil tem índices ainda bastante elevados e sendo diversos os motivos que levam as crianças a instituição de acolhimento, como negligência familiar, maus tratos, uso de drogas, estes causam consequências muitas vezes graves para as crianças, como dificuldades físicas, emocionais e educacionais.

Percebe-se também que o cuidador interage pouco com a criança, talvez como forma de proteção, pelo medo de criar vínculo e sofrer com a quebra deste, já que institucionalização é uma condição provisória e temporária.

Por fim, conhecer a produção científica acerca da interação e cuidado à criança institucionalizada, favorece compreender a realidade que envolve o desenvolvimento infantil neste ambiente, possibilitando traçar estratégias para a melhoria da qualidade do cuidado prestado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, R. C.; FIAMENGHI JR, G. A. **Interações afetivas de crianças abrigadas: um estudo etnográfico**, p. 1267-1276, 2006.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 7. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2012. Acessado em 29 jun. 2015. Disponível em: www.obscriancaeadolescente.gov.br/index.php?option=com_phoradownload&view=full&id=1001-eca-2012&Itemid=141. CORRÊA, L. S.; CAVALCANTE, L. I. C. Educadores de abrigo: concepções sobre desenvolvimento e práticas de cuidado em situação de brincadeira. **Journal of Human Growth and Development**, v. 23, n. 3, p. 1-9, 2013.
- CAVALCANTE, L. I. C.; MAGALHÃES, C. M. C.; PONTES, F. A. R. Institucionalização precoce e prolongada de crianças: discutindo aspectos decisivos para o desenvolvimento. **Aletheia**, n. 25, p. 20-34, 2007.
- FIAMENGHI JR, G. A.; MELANI, R. H.; CARVALHO, S. C. Transtorno de apego reativo em crianças institucionalizadas. **Revista Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 30, n. 70, p. 431-439, 2012.
- GOLIN, G.; BENETTI, S. P. C.; DONELLI, T. M. S. Um estudo sobre o acolhimento precoce inspirado no método Bick. **Revista psicologia em estudo**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 561-569, 2011.
- LOPES, A. M.; PEDROSO, J. S. Avaliação do desenvolvimento de crianças de 6 a 12 meses. **Revista Paraense de Medicina**, v. 27, n. 4, p. 29-35, 2013.
- MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Revista Texto e Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008.
- NOGUEIRA, D.; VECTORA, C. Perfil mediacional de mães sociais que atuam em instituições de acolhimento. **Revista Psicologia, ciência e profissão - Universidade Federal de Uberlândia**, v. 32, n. 3, p. 576-587, 2012.
- PRADA, C. G.; WILLIAMS, L. C. A. Efeitos de um programa de práticas educativas para monitoras de um abrigo infantil. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 9, n. 1, p. 63-80, 2007.
- TINOCO, V.; FRANCO, M. H. P. O luto em instituições de abrigamento de crianças. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 28, n. 4, p. 427-434, 2011.
- VECTORE, C.; CARVALHO, C. Um olhar sobre o abrigamento: a importância dos vínculos em contexto de abrigo. **Revista Semanal da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 12, n. 2, p. 441-449, 2008.